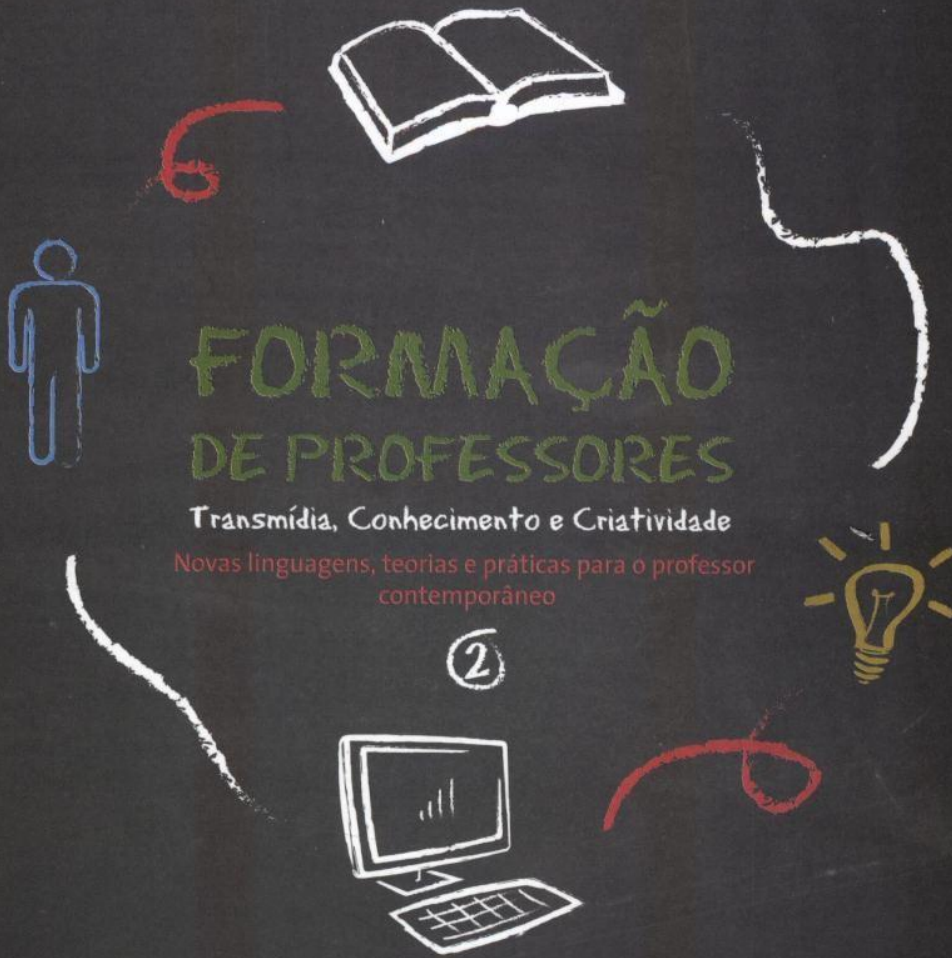


Organizadores  
Andrea C. Versuti  
Rossana Beraldo  
Vicente Gosciola



Editora  UFPE

Organizadores  
Andrea C. Versuti  
Rossana Beraldo  
Vicente Gosciola

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Transmídia, Conhecimento e Criatividade

Novas linguagens, teorias e práticas para o professor contemporâneo

②

Recife, 2014

Editora  UFPE

**Universidade Federal de Pernambuco**

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques

Diretora da Editora UFPE: Profª Maria José de Matos Luna

**Comissão Editorial**

*Presidente:* Profª Maria José de Matos Luna

*Titulares:* Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Líana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

*Suplentes:* Alessandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

*Editores Executivos:* Afonso Henrique Sobreira de Oliveira e Suzana Cavani Rosas

**Capa** | Soraya Holder

**Projeto gráfico** | Soraya Holder

**Diagramação** | Guilherme Arcoverde

**Revisão** | Andrea C. Versuti e Fabricia Teixeira Borges

**Impressão e Acabamento** | Editora UFPE

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Liliane Campos Gonzaga de Noronha, CRB4-1702

F723 Formação de professores : transmissão, conhecimento e criatividade / organizadores: Andrea C. Versuti, Rossana Beraldo, Vicente Goscíola. - Recife: Editora UFPE, 2014. 215 p.

Inclui referências.

Volume 2: Novas linguagens, teorias e práticas para o professor contemporâneo.

ISBN 978-85-415-0527-7 (broch.).

1. Ensino à distância. 2. Tecnologia educacional. 3. Conhecimento e aprendizagem. 4. Professores - Formação. I. Versuti, Andrea C. (Org.). II. Beraldo, Rossana (Org.). III. Goscíola, Vicente (Org.).

371.35 CDD (23.ed.) UFPE (BC2014-131)

## Sumário

- 17 **Apresentação**  
*Denis Porto Renó*
- 27 **Prefácio: Exórdio de um tema conhecido**  
*Raylane Andreza Dias Navarro Barreto*
- 37 **Narrativa Transmídia: da Participação à Educação**  
*Andrea Versuti*  
*Vicente Gosciola*  
*Daniel David*
- 55 **Reflexões sobre a relação entre Direito Autoral, Creative Commons e Narrativas Transmídia**  
*Marco Aurélio Rodriguez de Cunha e Cruz*  
*Carlos Alberto Silva Filho*  
*Nayara Cristina Santana Santos*  
*Vitor Déda de Oliveira*
- 83 **A criatividade no ensino superior: uma abordagem possível**  
*Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho*  
*Stela Maris Sanmartin*

## Exórdio de um tema conhecido

*Raylane Andreza Dias Navarro Barreto*

Há cinco anos voltei à Universidade Tiradentes em Aracaju/Sergipe. Desta feita na condição de professora de Fundamentos Antropológicos e Sociológicos na modalidade de educação a distância (ead). Professora da disciplina, mas aprendente da modalidade. Isto porque até então não havia trabalhado ou estudado a distância. Tudo era novo, a começar pela construção da disciplina. Fui convocada a juntar duas ciencias e transformá-la em uma disciplina de 80 horas. Reunir Antropologia e Sociologia pode em um primeiro momento parecer muito simples, dadas as proximidades dos seus respectivos objetos de estudo, entretanto, a tarefa não foi tão simples, pois a fronteira entre uma e outra ciência é muito tênue, restando, para mim, apenas a alternativa de trabalhar por temas que fossem comum as duas. Foi o que fiz. Compus uma ementa que abarcava: O surgimento da Antropologia e da Sociologia como Ciências, análise antropológica e sociológica do processo identitário do homem cultural e social e sua participação na organização da sociedade. A perspectiva da Antropologia e da Sociologia na contemporaneidade, além de saberes e fazeres antropológicos e sociológicos nas distintas áreas de atuação.

Ementa pronta, o passo seguinte foi compor o livro da disciplina da forma mais didática possível, incluindo signos que o aluno pudesse entender a distân-

cia e com uma linguagem beirando o coloquial, mas com preceitos científicos. Em outras palavras, deveria ensinar da forma mais simples possível o que as vezes demanda o exercício de muitos neurônios para apreender. Apreendi muito nesse processo de escrita, pois compreendi de que nada adianta pesquisar, teorizar, pensar se o fruto não é divulgado, difundido e mesmo popularizado, por vezes dentro da própria academia. Transformar uma linguagem erudita como as contidas nas obras de Karl Marx, Emile Durkheim Max Weber e mesmo as do contemporâneo Pierre Bourdieu não somente foi um exercício pedagógico como de redação que se revelou muito prazeroso. Conseguia com ele, inclusive, entender melhor à medida que exercitava uma escrita clara e sem afrescos.

A possibilidade de indicar dentro do livro, outros textos, filmes, contar uma piada, chamar a atenção para um determinado aspecto, colocar imagens (feitas sob encomenda pela equipe de criação do núcleo de educação à distância), fazer perguntas, foram formas experimentadas que se revelou muito significativa para a construção do processo de ensinagem entendido aqui sob a perspectiva de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 195) para quem “[...] a respeito do método de ensinar e fazer aprender (ensinagem) pode-se dizer que ele depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e de saber escolar do professor”. A minha visão de ciência, com o exercício de escrita do livro da disciplina fora modificada. Isto porque as ciências, em especial as ciências humanas e sociais, não têm que ser inatingível, não têm que ter dialeto próprio, não podem atender a somente uma parcela da sociedade. Elas têm que estar a seu serviço. É justamente, um dos pontos, o que procuraram os organizadores da coletânea “Formação de Professores: transmídia, conhecimento e criatividade” cujo segundo volume dois intitulado “Novas linguagens, teorias e práticas para o professor contemporâneo” vem a lume para congregar visões complementares sobre a temática que os une.

O lugar que me encontro para além de professora da modalidade ead, como já anunciado, é o de pesquisadora na área de História da Educação. A partir

dele, pude observar não somente a prática professoral acima resumida e já analisada, com um colega, em artigo<sup>1</sup>, mas também as preocupações que envolve o ofício do professor, o que inclui o processo do fazer-se professor, em especial do ead. Ao longo da história muitos foram os métodos adotados em prol de um melhor desempenho no processo de ensino. Tivemos o método tradicional baseado na decoração e na imitação, tivemos o método sintético, o mútuo, o intuitivo, dentre outros. Todos com a intenção de educar mais e melhor o maior número de pessoas. Por certo, cada um, em seu contexto específico, atingiu alguns de seus objetivos, entretanto cada um foi sendo gradualmente e estrategicamente substituído, uma vez que novas configurações e necessidades educacionais foram exigindo.

É justamente de uma necessidade latente que surge a modalidade de educação à distância. Educar o maior o número de pessoas foi, por exemplo, o objetivo do sergipano Gilson Amado a frente da Fundação do Centro Brasileiro da Tv Educativa-FCBTVE na década de 1960. Foi ali que ele colocou no ar a Novela “João da Silva”, conseguindo não só alfabetizar centenas de brasileiros, mas agregar ao campo da educação um novo modo de educar. Somadas a experiência de Gilson, há várias outras que já foram registradas na história<sup>2</sup> e que vem demonstrando o quanto a modalidade vem crescendo. O crescimento, a difusão e a popularização, por sua vez, requer e até mesmo exige, por parte de quem as pensa e implementa, estudo, pesquisa, análise, interpretação e por vezes soluções educacionais. As soluções ao longo da história da ead estão li-

1 BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro ; MACHADO, Danilo Maciel. Roteirizando a fala e a ação: Experiências da performance virtual na educação a distância. Teias (Rio de Janeiro. Impresso), v. 14, p. 150-162, 2013, Série: 34. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1322>.

2 Há uma síntese de algumas delas no artigo de SANTOS, Sandra Virginia Correia de Andrade; THOMAZ, Alice Angéla; BARRETO, Raylane A. Dias Navarro Educação a Distância: uma nova educação para uma nova sociedade. In: **Formação de professores: transmídia, conhecimento e criatividade - Docência e construção de conhecimento na EAD.** BORGES, Fabrícia Teixeira Borges [et al.], (Orgs.). Recife: Ed. Universitária da UFPF, 2013.

gadas aos espaços escolares, aos materiais didáticos, a formação do professor/autor/ator, a uma linguagem própria, as avaliações colaborativas, as interfaces dos ambientes virtuais de aprendizagem, dentre tantos outros aspectos que foram e veem sendo estudados pelos professores e/ou pesquisadores da área. O livro "Formação de Professores: transmídia, conhecimento e criatividade - Novas linguagens, teorias e práticas para o professor contemporâneo", porém, revela além de uma gama significativa de preocupações com a área, as novas estratégias práticas e teóricas que estão sendo pensadas a fim de contribuir com o campo e conseqüentemente com os processos de ensinagem.

Se na história da educação brasileira podemos identificar, mesmo no século XX, salas de aula sem carteiras, com pouca iluminação, com prédios inadequados, cadernos de pedra, raros ou nenhum livro didático, dentre outros elementos que marcam o atraso na área, identificamos, também, que há, em algumas instituições educativas, vários recursos tecnológicos que compõem o seu material didático a exemplo de televisões, computadores com acesso a internet, lousa digital, audiolivro, tablets, dentre muitos outros que a esses se somam. Nesse sentido, outro indicativo deve ser evocado a fim de perceber o quanto as tecnologias contemporâneas se somam à educação. De modo que são as narrativas transmídias, tão utilizadas no meio da publicidade e propaganda, dado o seu potencial agregador, que vêm, também sendo locus de empreendimentos professorais. Daí o professor retórico, enciclopédico, ter que dar lugar a construção do conhecimento transmidiático em que ele é, assim como o aluno, também, peça importante e que também passa a ser criador de recursos/ferramentas/interfaces utilizadas no processo.

As criações dos professores e dos demais agentes envolvidos no processo de construção de material didático aplicados à educação, recai numa discussão legal que desde o século XIX vem sendo feita e que envolve o direito do autor. O jurista Sergipano Tobias Barreto de Menezes, discutiu o assunto no artigo "O que se deve entender por Direito autoral", em 1882. A partir da sua análise

e da importância que deu a área, a temática do direito autoral foi incorporada a cadeira de Direito Civil da Faculdade de Direito do Recife. Desse modo, temos iniciada, já no século XIX, uma discussão sobre o direito autoral, mas que fica longe das produções que hoje são realizadas e que envolve o direito literário, intelectual e de imagem, e, que, tal qual o direito dos membros e/ou dos grupos folclóricos, ainda não são assegurados. Assim, as produções coletivas, como as que envolvem as narrativas transmídias, são e serão um dos temas que comporão a subárea do direito e que o atrelará mais e melhor a educação contemporânea, proporcionando àqueles que a compõem e para a qual criam, direitos e garantias de autor e produtor.

Como sinalizado, o método tradicional está dando lugar a criatividade. Esta por sua vez vem sendo evidenciada pela utilização de recursos das mais distintas áreas a fim de se fazer atrativa e isso não ocorre apenas no ensino fundamental, mas segue pelo ensino médio e retumba no ensino superior, sendo ora estratégia de ensino, ora objeto de pesquisa e/ou estudo. Nesse sentido, fica claro o quão difícil é educar e formar, esteja o indivíduo em idade e nível que estiver. Será se haverá o tempo em que a educação não mais será sinônimo de coisa chata para os pequeninos? E de coisa complicada para os adultos? Estará o ensino superior mais ou menos apto para preparar o seu campo de atuação com vistas a mais e melhor preparar os nossos profissionais? Respostas à parte, o certo é que a criatividade pede passagem e se propõe somar.

Na seara do ensino a distância que vem a cada dia se consolidando está a exigência do professor moderno, aquele que além de sabedor dos conteúdos a serem ministrados, é, também, antenado com as tecnologias e seus usos aplicados a Educação. Nesse sentido, não muito longe na história da educação brasileira, observamos, desde o movimento da Escola Nova no Brasil, mais precisamente na década de 1930 o quanto novas características professorais veem sendo exigidas a fim de que o resultado de seu labor seja eficiente e

caz. Já era objetivo dos pioneiros da Escola Nova no Brasil, através de seu manifesto, que:

[...] com essa campanha, de que tivemos a iniciativa e assumimos a responsabilidade, e com a qual se incutira, por todas as formas, no magistério, o espírito novo, o gosto da crítica e do debate e a consciência da necessidade de um aperfeiçoamento constante, ainda não se podia considerar inteiramente aberto o caminho às grandes reformas educacionais. É certo que, com a efervescência intelectual que produziu no professorado, se abriu, de uma vez, a escola a esses ares, a cujo oxigênio se forma a nova geração de educadores e se vivificou o espírito nesse fecundo movimento renovador no campo da educação pública, nos últimos anos. A maioria dos espíritos, tanto da velha como da nova geração ainda se arrastam, porém, sem convicções, através de um labirinto de idéias vagas, fora de seu alcance, e certamente, acima de sua experiência; e, porque manejam palavras, com que já se familiarizaram, imaginam muitos que possuem as idéias claras, o que lhes tira o desejo de adquiri-las... Era preciso, pois, imprimir uma direção cada vez mais firme a esse movimento já agora nacional, que arrastou consigo os educadores de mais destaque, e levá-lo a seu ponto culminante com uma noção clara e definida de suas aspirações e suas responsabilidades. Aos que tomaram posição na vanguarda da campanha de renovação educacional, cabia o dever de formular, em documento público, as bases e diretrizes do movimento que souberam provocar, definindo, perante o público e o governo, a posição que conquistaram e vêm mantendo desde o início das hostilidades contra a escola tradicional.<sup>3</sup>

O que o hoje, diferencia-se do ontem, por sua vez, é que hoje as convicções e as ideias já são claras e consolidadas. Se por acaso ainda existem professores que não as tenham, isso ocorre ou por um problema geracional, ou por péssimas condições de trabalho, mas não por falta de estudos e experiências que vêm sendo difundidas e divulgadas através da academia. Por certo, muitas são as escolas que carecem de atenção e respeito pelo que representam, mas essa

3 AZEVEDO, Fernando et al. O manifesto dos pioneiros da educação nova. São Paulo: Nacional, 1932.

carência não é culpa dos que pensam a educação. Exemplos de todas as vertentes são diariamente constatados e divulgados ora pelos periódicos que trazem estudos de caso envolvendo alguma experiência na área, ora nos congressos, ora nos canais de rádio e televisão que servem tanto para educar, quanto para revelar o que vem sendo desenvolvido.

Nesse sentido uma outra abordagem que vem sendo feita pelos pesquisadores da área é a da construção de textos coletivos. Se na história encontramos preocupação com a caligrafia, haja vista a quantidade de cadernos específicos que muitas gerações foram obrigadas a delinear, hoje o que se propõe é a escrita coletiva. Não mais utilizando a letra cursiva, mas o teclado do computador. Diana Gonçalves Vidal ao estudar "Da Caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30" deixa claro que a máquina de escrever considerada sinônimo de modernidade em 1900, nos anos 1930 era um "obstáculo ao desenvolvimento da boa letra" 4 e "Segundo Ormindá Marques (1934, p.57), o hábito de escrever à máquina afastava o/a escolar do interesse pelo aprendizado do manuscrito, e fazia a escola indagar-se sobre a necessidade de ensinar a escrever." (VIDAL, 1998, p.1)

Como reposta e baseando-se nas pesquisas de Faria Filho sobre a transição entre a implantação das escolas isoladas e dos grupos escolares, ela identificou o método muscular, como sendo aquele que iria dotar o aluno de um ideal estético em que a escrita consorciava a lógica a expressão do pensamento. Segundo Vidal:

Pretendia-se formar "o novo homem", eficiente, conciso e de rápido pensar, capaz de lidar mais agilmente com a informação e de submeter seus interesses particulares aos da comunidade ou país: novas características solicitadas pela sociedade moderna da velocidade das

4 VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. *Rev. Fac. Educ.[online]*, 1998, vol.24, n.1, pp. 126-140. ISSN 0102-2555. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000100009>.



baratinhas, da profusão de informações via rádio; da explosão de imagens permitida pelo cinema e das crescentes exigências produtivas da indústria (para o trabalhador, mínimo de fadiga e máximo de eficiência e ganho, a partir da otimização do gesto, equacionado em tempos e movimentos; para o empresário, mínimo de contestação da classe trabalhadora e máximo de produtividade coletiva) (Vidal, 1994).

Como se pode notar através da análise de Vidal acerca da década de 1930, a educação não mudou seus objetivos, o que mudou foi a forma de atingir seu alvo. Tecnologias, por certo, sempre existiram, mas elas veem estrategicamente se aperfeiçoando e exigindo de quem as usa uma constante atualização, o que requer também a criação de mecanismos em que a produção do conhecimento seja cada vez mais atribuída a coletividade, em detrimento dos individualismos, e de maneira interdisciplinar, visto que esta abertura proporciona a utilização de vários recursos que agregam ao invés de restringir.

Por outro lado, se a História revela que o aluno já foi passivo, e que tempos depois tornou-se participante do processo de ensinagem, hoje sua participação deve ser tão ou mais elaborada do que a do professor, visto que as gerações y e z têm como características principais a aquisição de recursos e os seus usos potencializados. O professor/a por sua vez, além dos conteúdos que devem ser ministrados a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e do Fórum da Educação Nacional através da Conferência Nacional da Educação (CONAE) deve estar em sintonia com os interesses dos alunos, isto porque o professor que não está antenado com o que "acontece nas redes" não consegue ser entendido e conseqüentemente não consegue atrair público e, portanto não cumpre a primeira parte de sua função.

Há que se considerar também nesta via, que se antes tínhamos o imaginário e a narrativa como recurso para despertar no aluno o interesse por determinado assunto, hoje temos um dos mais úteis e importantes recursos associados a educação: o filme. A partir do filme, do que ele representa, a forma como ele

atrai o espectador, com seus efeitos visuais e sonoros, para além da história que revela, é uma das potencialidades mais expressivas da educação contemporânea. A ele se somam os seriados e seu potencial formativo, visto que são pensados/entendidos não apenas como entretenimento, mas também como recurso educativo em que pese os exemplos por eles elencados e exibidos.

Da mesma forma que os filmes e seriados, outro recurso que vem, há muito, sendo aplicado a educação é o jogo, este não mais apenas de montar e escalonamento do conhecimento adquirido, mas o eletrônico. Aquele que faz parte da rotina do garoto/a moderno/a e que se não foi pensado/adaptado e aproveitado com vistas a formação, muito se tem a perder em termos de atração dos jovens aprendentes. Afinal, como não reverter para a educação algo que prende tanto a atenção do jovem? Por que não? Muitos estudos já foram e estão sendo feitos tendo como temática jogos eletrônicos e educação a exemplo do Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão<sup>5</sup> publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria. Segundo os autores:

Muitos estudos relacionam o uso de jogos eletrônicos com a maior facilidade de aprendizado, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, a melhora na capacidade de orientação espacial e a facilitação da socialização. As vantagens de seu uso têm sido testadas e comprovadas também em terapias médicas, incluindo psicoterapias.

A Internet dispensa qualquer forma de apresentação de suas funcionalidades. De fato, além de favorecer a comunicação e a busca de informações, é uma importante ferramenta de contato social. Os benefícios decorrentes do uso dos *chats* (comunicadores instantâneos do tipo "MSN", dentre outros) já são relatados por parte dos indivíduos mais tímidos e introvertidos como um importante recurso de ajuda. No entanto, juntamente com o aumento na popularidade

do uso da rede mundial e dos jogos eletrônicos, surgiram relatos na imprensa leiga e na literatura científica de indivíduos que estariam "dependentes" da realidade virtual da Internet e dos jogos eletrônicos.

5 Cristiano Nabuco de Abreu, Rafael Gomes Karam, Dora Sampaio Góes, Daniel Tornaim Spritzer

Vale ressaltar que esta é uma das queixas frequentes em consultórios psiquiátricos por parte de pacientes mais velhos ou mesmo de pais preocupados com seus filhos ao referirem aumento do isolamento social e piora nos rendimentos escolares e acadêmicos.

As pesquisas, por sua vez, comprovam que não se trata de dependência, tal qual a química, mas que

“a dependência de jogos eletrônicos, os achados dos estudos de neuroimagem e eletrofisiologia, embora bastante preliminares, sugerem uma possível base neurobiológica comum relacionada ao sistema mesolímbico, reforçando a hipótese de que o uso excessivo de jogos eletrônicos pode ser um transtorno psiquiátrico da linha das dependências. (p. 10)

Nessa seara, há vários pontos de vista, mas ainda não há o crédito de que tais modos de educar, por vezes lúdicos e por isso confundidos, não sirvam a educação. Daí a importância de propagar os casos a fim de que estes sejam analisados por aqueles que decidem o que, como e quando ensinar. Nesse sentido, muitos são os estudos e pesquisas que estão servindo para os atuais e sempre novos modos de educar. Mas um aspecto ainda me chama muito atenção, qual seja: o de que boa parte dos alunos de ead ainda não veem o/s novo/s espaço/s escolar/es como espaço/s atrativo/s tal qual eles veem as redes sociais, os jogos eletrônicos, mesmo que os Ambientes virtuais de aprendizagem considerem tais elementos e os incorpore as suas dimensões. - Será que a geração que ora se encontra nos bancos escolares, em nome da técnica e do lúdico, tem desprezado o conhecimento produzido e difundido? Prefiro acreditar que estamos em um período de transição entre gerações.